

## OS OSSOS DA ESPERANÇA

por Lídia Santos

Por sorte, ou azar, quem sabe, continuei tendo filhos. Oito no total, com ele novz. Quando a moça batzu as palmas lá no portão eu refletia sobre as criaturas que pusera no mundo. Era cedo ainda, e eu catava o feijão. Separando os grãos, me perguntava se as pessoas não se figuravam da mesma forma: sempre no meio de uma ninhada de filhos, tem aquele que nasce um pouco torto. Não tortura de corpo, porque nem sempre se percebe com a vista, mas aquele dom de sofrer mais que os outros, por ser tímido ou insatisfeito demais. Esse meu filho, de quem a moça do portão veio falar, tinha sido desse jeito. Desde cedo mostrara seu lado pontagudo no trato com as pessoas. Foi assim na briga do irmão mais velho, acho que ele próprio tinha sete anos, o irmão apanhou, porque era magrinho e triste, como até hoje. Ele foi à luta e enfrentou os outros três, já marmanjos, no pau. Chegou lanhado, mas dizem que durante a briga não parava de berrar a covardia dos três grandes contra um pequeno. Ainda criança várias vezes agiu da mesma forma, defendendo tudo que achava justo. Soubz sempre falar muito bem, e logo tornou-se a voz da casa. Rapazinho, enfrentava os senhorios, negociava a conta da padaria, de costume atrasada. E sozinho decidiu continuar na escola, quando os outros saíam. Lembro o dia em que veio com um papel pra eu assinar, ainda de calça curta: era a inscrição na prova para o ginásio público do bairro, explicou. Graças a ele, outros irmãos seguiram também o caminho. Mas nenhum gastava tanto tempo estudando. Da cama, antes de fechar os olhos, eu enxergava a permanência de luz na cozinha, pois era na mesa da cozinha não havendo outro espaço, que ele se exerciava. Aos quinze anos arranjou um emprego, mas continuava num curso noturno.

Então começaram aquelas reuniões. Não sei como agüentava, nos fins-de-semana era reunião o dia quase todo, ou noites adentro. Vinha de longe, às vezes perdia o último trem e chegava de manhã. A rebeldia manifestada desde menino tomara corpo com ele: não mais o forte colega da escola que não devia tripudiar sobre ninguém, nem o açougueiro estar errado ao cobrar aquele preço pela carne. Agora estavam entre a gente rica os responsáveis pela nossa miséria. Então eu soubz que corria perigo. Mas ele já se afastava, as reuniões mais e mais o tiravam de casa, até que disse ter do morar perto da faculdade: queria ser advogado. Eu sabia ser a tal luta contra os ricos que ia levando ele embora, dai meu coração ter reduzido um pouco o tamanho. Aquelz filho me fazia muita falta dentro de casa. Ele era o grão torcido, o único a espessar a casa com a injustiça de nossa pobreza. Outros filhos erigi pro mundo, mas aquele, que até pouco tempo pensava ser o único de meus filhos doado a essa terra sedenta do sangue da gente moça, aquele filho era, naquela época, meu orgulho e mau amparo. O marido se entregara à tristeza, e as outras crias não tinham, feito ele, o dom de trazer o futuro, todos os dias, pro interior das nossas paredes.

No início, vinha pro almoço de domingo. Deixou enderço e sempre trazia um dinheirinho. Até uma namorada bonita veio com ele uma vez e fiquei feliz em sabê-lo amado por pessoa de pele tão lisa e clara. Mas logo desconhecíamos onde andava, até aparecer escabriado, olhando em volta como foragido. Me disse não ter mais endereço fixo e usou uma palavra que nunca esqueci: era um elandestino. Vivi um inferno. Caçavam ele e os companheiros por todos os lados, uma polícia feia e mal encarada como todas as outras um dia invadiu nossa casa à sua procura. Foi seguir veio a romaria às prisões, as delegacias e aos hospitais, depois de um amigo dele, também escorraçado, ter trazido o aviso: tinha caído nas mãos dos soldados. Anos e anos de busca vão deram cabo da saúde do pai, morto após o nascimento do nosso caçula, ao certificar-se do que ele era agora: um desaparecido.

Tanto tempo passado e vem essa moça com a descoberta de uns ossos debaixo da terra que podem ser os dele. Deu a notícia de forma tão delicada quanto os modos daquela única namorada desse filho, elandestino e desaparecido, que cheguei a conhecer. Disse ter custado a me localizar, de todas as mãos tinha o endereço, menos o meu, que mudara sem comunicação. Eu fiquei olhando pra ela muito tempo e não disse palavra. Prometi ir ao endereço indicado e afirmei querer enterrar, sim, os tais ossos. Ela nem precisava dizer: ele era, finalmente, um morto.

A moça saiu e me vi com o feijão pelo meio catado, a casa em silêncio porque todos trabalham e os netos estão na escola. Uma única lágrima teimou em rolar sozinha, embora devêssem ser pelo menos duas. Tive tanta raiva que varjei os grãos restantes na tjeira pela porta da cozinha. Não pude dizer nada. A dor é ainda muito recente. Não pude contar sobre o meu caçula, que como os outros saía pra trabalhar, que com os amigos do bairro ia dançar nos fins de semana, desse que em nada deferia da sua gente, tendo sido sempre um grãozinho absolutamente igual a todos os outros. Não pude explicar ter por isso deixado tudo para trás e até esquecido um pouco o primeiro, perda tão distante. Não pude selar-me ter perdido esse último filho também nas mãos da polícia, com a única diferença de que, se o outro foi antes elandestino e desaparecido, este não passou de ser, desde o princípio, apenas um morto. É pior, porque sem a raiva grossa que levou o irmão pra morte, sem idéia que a justificasse. Largaram o corpo numa vala imunda, o dele e o dos amigos, todos recém-saídos do baile.

Porque continuei tendo filhos, mesmo depois de ter perdido o primeiro, por isso me castigaram? Porque continuei morando no mesmo lugar, assistindo á guerra assomar nossas casas sem nada poder fazer, sempre me repito. Então decidimos, eu e a filha largada do marido, que mora comigo, passar a mão nos pirralhos dela e sumir depressa. Talvez em busca do lugar de que falava aquele filho, elandestino, desaparecido e morto, onde tudo seria diferente. Talvez em busca do brilho do sua esperança, embora pressinta, na dor do outras tantas mãos que inutilmente perdem seus filhos, o cheiro do seu rescaldo.

## THE BONES OF HOPE

by Lidia Santos

As good luck, or maybe bad, would have it, I went on having children. Eight altogether, and he made it nine. When the girl clapped her hands at my gate I was thinking about the creatures I'd brought into the world. It was still early, and I was picking over the beans. As I separated them out, I wondered whether people didn't turn out the same way: in the middle of a brood of kids there's always one who's born a bit awry. It's not the body that's misshapen, because it's not something you can always see just by looking. No, it's that gift for suffering more than everyone else, because he's too wilful or dissatisfied. This son of mine, whom the girl at the gate had come to speak to me about, had been like that. From early on he'd shown his prickly side in his dealings with people. That's how it was when he waded into the fight his older brother got into. I think he himself was seven, and his brother took a beating, because he was a sad, skinny little thing, like he is today. He launched into the fight and took on the other three full square, grown young men though they were. He arrived home covered in gashes, but they say that all through the fight he didn't stop yelling about the cowardice of the three big kids against one little one. While still a child he acted the same way on several occasions, defending everything he thought to be right. He could always speak well, and quickly became the spokesman of the house. As a young lad he would take on the landlords and haggle over the baker's bill, which we were usually late in paying. And all on his own he decided to stay on at school, when the others were leaving. I remember the day he came home with a form for me to sign, still in his short trousers: it was the entrance-exam registration for the district secondary school, he explained. Thanks to him, some of his other brothers and sisters also followed the same path. But none of them spent as much time studying. From my bed, before I shut my eyes, I could make out the light still on in the kitchen, for it was at the kitchen table, since there was no other space, that he did his writing. At the age of fifteen he got himself a job, but carried on at night-school.

Then those meetings started. I don't know how he stood it, at the week-ends it was meetings nearly the whole day long, or into the night. He'd arrive back from somewhere far off, sometimes he'd miss the last train and would get home in the morning. The rebelliousness he'd displayed since he was a little boy had grown in fullness and stature along with himself: it was no longer some tough class-mate being told he wasn't to rub anyone's nose in the dirt, or the butcher making a mistake in charging that price for the meat. Now those responsible for our misery were to be found amongst the rich and wealthy. Then I found out he was in danger. But he was already moving away, the meetings took him away from home more and more, until he said he'd have to live near the college: he wanted to be a lawyer. I knew it was this fight against the rich that was taking him away. My heart shrank a little. I missed that son of mine very much at home. He was the misshapen bean, the only one to swell the husk with the injustice of our poverty. I raised other children for the world, but that one, who until a little while ago I thought was the only one of my children to be given away to this land that is thirsty for the blood of the young, that child was in those days my pride and my support. My husband had abandoned himself to his sadness, and the other offspring didn't have, like him, the gift of bringing the future, every day, inside these walls of ours.

At first he came to Sunday lunch. He left an address and always brought a little bit of money. A pretty girlfriend even came with him once and it made me happy to know he was loved

by one with as smooth and clear a skin as hers. But we soon stopped knowing of his whereabouts, until he turned up looking about him warily like a fugitive. He told me he didn't have a fixed address any more and used a word I've never forgotten: he'd gone underground. I went through hell. They were hunting him and his comrades down everywhere, some ugly, evil-looking police, same as all the rest, invaded our house looking for him. Then came the pilgrimage to the prisons, police-stations and hospitals, after a friend of his, living rough too, brought the news: he'd fallen into the hands of the soldiers. Years and years of vain searching finished my husband's health, and he died after the birth of our youngest son. It had become clear beyond a doubt what he was now: one of the disappeared.

So much time's gone by and along comes this girl with the discovery of some bones under the ground which could be his. She told the news in the same delicate manner I'd seen in that girlfriend of this underground, disappeared son, the only girlfriend I ever met. She said it had been hard to track me down, she had the addresses of all the mothers except mine, as I'd moved without leaving any notice. I stood there looking at her for a long while and didn't say a word. I promised to go to the address indicated and declared that I did want to bury the bones. She didn't even need to say it: he was, at last, a dead man.

The girl left and I found myself with the beans half sorted, the house in silence because everyone's working and the grandchildren are at school. A single, solitary tear insisted on trickling down, although there should have been at least two. I was so furious that I swept the remaining beans from the bowl out of the kitchen door. I couldn't say anything. The grief over my youngest son is still very recent. I couldn't talk about my youngest, who like the others went out to work and went off dancing at weekends with his friends from the neighbourhood. That boy was in no way different from his people, always a little bean just the same as all the others. I couldn't explain how, because of that, I'd let everything go and even forgotten the first one a bit, such a far-off loss. I just couldn't get clear how I'd lost my last child too into the hands of the police. The only difference was that, while the other was previously underground and one of the disappeared, my youngest was, right from the beginning, nothing more than a dead man. And worse still, because there was none of the harsh rage that took his brother to his death, there was no justification to it at all. They threw his body into a filthy ditch, his and those of his friends, who had all just come away from the dance.

Because I went on having children, even after I'd lost my middle son, is that why they punished me? Because I went on living in the same place, watching the war torment our homes without being able to do a thing about it? I keep on asking myself the same questions. Then we decided, I and my daughter left alone by her husband, and who lives with me, to grab her kids and clear out quickly. Perhaps in search of the place that he used to speak of, that underground, disappeared, dead son, where everything would be different. Perhaps in search of the burning glow of his hope, though I can already sense, in the grief of so many other mothers who pointlessly lose their children, the smell of its dying embers.

Translated by David Treppe

## LOS HUESOS DE LA ESPERANZA

por Lidia Santos

La buena suerte, o la mala, quién sabe, quiso que siguiera teniendo hijos. Ocho en total, con él nueve. Cuando la muchacha golpeó las palmas frente al portón yo estaba pensando en las criaturas que traje al mundo. Aún era temprano, y yo elegía los granos. Separándolos, me preguntaba si toda la gente no se hacía de la misma manera: en medio de la prole, siempre hay uno que sale un poco torcido. No es una tortuosidad del cuerpo, porque no siempre se percibe con la vista, sino es don de sufrir más que los demás, por ser demasiado obstinado o insatisfecho. Ese hijo mío, del que me venía a hablar la muchacha del portón, había resultado así. Desde temprano había mostrado un lado espinoso en su trato con la gente. Así fue, erzo que a los siete años, cuando se metió en una riña en que estaba trabado su hermano mayor. El hermano se ligó una paliza, porque era triste y flaco, como hasta hoy, pero él se largó a la lucha y se les fue sin más a los otros tres, que ya eran grandes. Volvió a casa todo tajado, pero dicen que durante la pelea no paraba de berrrear la cobardía de los tres grandes contra un pequeño. Todavía niño, actuó muchas veces de la misma manera, defendiendo todo lo que le parecía justo. Siempre supo hablar muy bien, y pronto se convirtió en la voz de la familia. De muchacho, se enfrentaba con los caseros, negociaba la cuenta de la panadería, atrasada como de costumbre. Y él solo decidió seguir estudiando, cuando los demás terminaban. Recuerdo el día, aún de pantalones cortos, en que me trajo un papel para firmar: me explicó que era la inscripción para el examen de entrada al colegio secundario de la zona. Gracias a él, algunos de sus hermanos y hermanas siguieron el mismo camino. Pero ninguno pasaba tanto tiempo estudiando. Desde la cama, antes de cerrar los ojos, yo atisbaba la luz aún encendida en la cocina, porque era en la mesa de la cocina, ya que no había otro lugar, donde él escribía. A los quince años consiguió un empleo, pero siguió estudiando en un curso nocturno.

Entonces comenzaron aquellas reuniones. No sé cómo aguantaba, los fines de semana gran de reuniones casi todo el día, o noche adentro. Cuando venía de lejos, a veces perdía el último tren y llegaba de mañana. La rebeldía que manifestó desde pequeño fue tomando cuerpo con él: ahora ya no era deírle al forzado de la escuela que no le hiciera morder el polvo a nadie, o al carnicero que cometía un error al cobrar aquel precio por la carne. Ahora los responsables de nuestra miseria estaban entre la gente rica. Entonces supe que corría peligro. Pero él ya se iba aljando, las reuniones lo sacaban cada vez más de la casa, hasta que dijo que debía mudarse fuera de la facultad: quería ser abogado. Yo sabía que era esta lucha contra los ricos lo que se lo iba llevando, y por eso se me encogió el corazón. Ese hijo me hacía mucha falta en la casa. Él era el grano deforme, el único al que le hacía hervir la sangre la injusticia de nuestra pobreza. Crié otros hijos para el mundo, pero ese, que hasta hace poco erzí que era el único de mis hijos entregado a esta tierra sedienta de sangre joven, ese hijo era, en aquella época, mi orgullo y mi amparo. Mi esposo se había abandonado a la tristeza, y los otros eríos no tenían, como él, el don de traer el futuro, cada día, entre nuestras cuatro paredes.

Al principio, venía a almorzar los domingos. Me dejó su dirección, y siempre traía un poco de dinero. Hasta una novia bonita trajo una vez, y me alegró saberlo querido por una persona de piel tan lisa y clara. Pero pronto dejamos de saber dónde andaba, hasta un día en que apareció rezoso, cuidándose la espalda como un fugitivo. Me dijo que ya no tenía dirección fija, y usó una palabra que nunca olvidé: se había vuelto elandestino. Viví un

infierno. Por todas partes lo perseguían a él y a sus compañeros unos policías torvos, mal enarados, como todos los demás, que un día invadieron la casa buscándolo. Después vino el peregrinaje a las cárceles, las comisarías y los hospitales, cuando un amigo suyo, que también andaba a monte, nos trajo la noticia: había caído en manos de los soldados. Años y años de búsqueda vana acabaron con la salud de mi esposo, que murió después de nacer el benjamín, cuando se supo a ciencia cierta lo que nuestro hijo era ahora: un desaparecido.

Había pasado tanto tiempo, y viene esa muchacha con el descubrimiento de unos huesos enterrados que pueden ser los suyos. Nos dio la noticia con modos tan delicados como los de aquella novia del hijo clandestino y desaparecido, la única que llegué a conocer. Dijo que le había costado localizarlos, que tenía la dirección de todas las madres menos la mía, que me había mudado sin avisar. Me quedé mirándola largo rato y no pronuncié palabra. Prometí ir a la dirección indicada y afirmé querer enterrar, sí, los tales huesos. Ella ni precisaba decirlo: él era, finalmente, un muerto.

La muchacha se fue y ahí quedé con el grano a medio limpiar, la casa en silencio porque todos están en el trabajo y los niños en la escuela. Una única lágrima se empeñó en resbalar, aunque debían haber sido al menos dos. Me dio tanta rabia que vacié de un golpe los granos del bol por la puerta de la cocina. No pude decirle nada. El dolor aún es muy reciente. No pude contarle de mi benjamín, que como los demás salía a trabajar, que con los amigos del barrio iba a bailar los fines de semana, ése que en nada se diferenciaba de su gente, siempre un pequeño grano absolutamente igual a todos los demás granos. No pude explicarle cómo por eso yo había dejado todo atrás y hasta había olvidado un poco al otro, una pérdida tan distante. No pude aclararle cómo había perdido también a este último hijo en manos de la policía, con la única diferencia de que, mientras el otro había sido antes clandestino y desaparecido, éste no pasó de ser, desde el principio, apenas un muerto. Y peor, porque fue sin la rabia inmensa que llevó a su hermano a la muerte, sin una idea que lo justificase. Tiraron el cuerpo en una zanja inmundicia, el suyo y el de sus amigos, todos recién salidos del baile.

Porque seguí teniendo hijos, aún después de haber perdido al primero, ¿por eso me habrán castigado? ¿Porque seguí viviendo en el mismo lugar, presenciando cómo la guerra amenazaba nuestras casas sin poder hacer nada? Me preguntó una y otra vez. Entonces decidimos, yo y la hija mía a la que abandonó su esposo, la que vive conmigo, agarrar a sus hijos y mandarnos mudar. Tal vez en busca del lugar del que hablaba aquel hijo clandestino, desaparecido y muerto, donde todo sería diferente. Tal vez en busca del resplandor de su esperanza, aunque presente, en el dolor de tantas madres que pierden a sus hijos inútilmente, el olor de los rescoldos que se apagan.

**Translated by Cristina Carnero**

## LES OSSEMENTS DE L'ESPOIR

de Lídia Santos

Par le fruit du hasard, ou du destin, qui sait, j'ai continué à avoir des enfants. Fluit en tout, et puis neuf avec le petit dernier. Au moment où une jeune fille s'est approchée de la grille en frappant dans ses mains, je pensais aux enfants que j'avais mis au monde. Il était encore tôt et je triais les haricots. En même temps que je les séparais, je me demandais si les individus n'étaient pas semblables à ces haricots : il se trouve toujours, au sein de la même couvée, un petit qui sort du lot. Son originalité n'est pas physique, ce n'est pas toujours quelque chose de visible à l'œil nu. C'est en fait cette capacité à souffrir plus que tout autre, engendrée par une trop grande opiniâtreté ou insatisfaction. C'est d'un enfant comme cela, de ce fils, dont la jeune fille à la grille était venue me parler. Très tôt, son côté difficile s'était révélé dans ses rapports avec les autres : un jour, il s'était mêlé à une bagarre pour aider son frère aîné. Je pense qu'il devait avoir sept ans. Son frère, qui était et est resté triste et malingre, était en train de prendre une rossée. Il s'est alors lancé dans la bataille et s'en est pris à trois jeunes adultes bien bâtis. Il est revenu à la maison couvert de balafres mais on a dit que durant toute la bagarre, il n'a cessé de crier son dégoût pour la lâcheté de ces trois grands qui s'en prenaient à un plus petit qu'eux. Encore enfant, à plusieurs reprises, il a agi de la sorte, défendant tout ce qu'il croyait être juste. Il s'exprimait bien et devint vite le porte-parole de la maison. Adolescent, il affrontait les propriétaires et discutait la note du boulanger que nous payions avec retard. C'est tout seul qu'il a décidé de continuer ses études alors que les autres quittaient l'école. Je me souviens du jour où il est rentré avec un papier que je devais signer. Il portait encore des culottes courtes. Il m'a expliqué que ce papier était l'inscription à l'examen d'entrée du lycée du district. C'est grâce à lui que certains de ses frères et sœurs ont pu suivre la même voie. Mais aucun d'eux n'a jamais passé autant de temps à étudier. Depuis mon lit, avant de fermer les yeux, je pouvais distinguer la lumière allumée dans la cuisine. Il écrivait sur la table de la cuisine parce qu'il n'y avait pas de place ailleurs. À quinze ans, il s'est trouvé un travail mais a continué à prendre des cours du soir.

C'est alors que ces réunions ont commencé. Je ne sais pas comment il faisait : le week-end, les réunions duraient presque toute la journée ou se poursuivaient la nuit. Il revenait de très loin, quelquefois il manquait le dernier train et ne revenait que le lendemain matin. La rébellion dont il faisait preuve depuis tout petit avait grandi en même temps que lui : il ne s'agissait plus simplement d'interdire à un camarade de classe de lever le poing sur qui que ce soit, ni de contester le prix de la viande exagérément augmenté par le boucher. Maintenant, c'étaient les riches qu'il tenait pour responsables de notre misère. C'est alors que j'ai compris qu'il était en danger. Mais il s'éloignait déjà, ses réunions l'obligeaient à s'absenter de plus en plus souvent puis un beau jour, il a annoncé qu'il devait aller vivre près de l'université. Il voulait devenir avocat. Je savais que c'était son combat contre les riches qui le galvanisait. J'en ai eu le cœur un peu serré. Il m'a beaucoup manqué à la maison. C'était lui ce haricot déformé, le seul capable de se nourrir de l'injustice de notre pauvreté. J'ai élevé d'autres enfants pour le monde mais celui-là, que jusqu'il y a peu je considérais comme le seul de mes enfants à avoir été sacrifié à ce pays assoiffé du sang des jeunes, était à l'époque ma fierté et ma raison d'être. Mon mari avait sombré dans la tristesse et les autres enfants n'ont pas, comme lui, la faculté de faire entrer chaque jour une lueur d'avenir entre les murs de la maison.

Au début, il venait déjeuner dimanche. Il laissait une adresse et apportait toujours un peu d'argent. Il nous a même amené une fois une charmante jeune fille et j'étais heureuse de savoir qu'il était aimé d'une personne à la peau si douce et au teint si clair. Mais bientôt nous avons cessé d'être au courant de ses faits et gestes, jusqu'à ce qu'il se mette à lancer des regards inquiets autour de lui, comme un fugitif. Il me dit qu'il n'avait plus d'adresse fixe et utilisa un mot que je n'oublierai jamais : il était devenu un elandestin. J'ai alors connu l'enfer. Ils le cherchaient partout, lui et ses amis. Cette police ignoble, mal intentionnée, comme tout le reste, a fouillé notre maison pour le trouver. C'est alors que commença le pèlerinage auprès des prisons, des postes de police, des hôpitaux. Puis un jour, un de ses amis, qui menait la même existence, nous donna de ses nouvelles : il était tombé aux mains des soldats. Des années et des années de vaines recherches ruinèrent la santé de mon mari qui mourut après la naissance de mon dernier fils. C'était à présent clair comme de l'eau de roche : notre fils cadet faisait partie des disparus.

Tant de temps a passé et puis cette jeune fille arrive avec sa découverte d'ossements enfouis dans le sol qui pourraient être les siens. Elle avait cette manière délicate de m'annoncer cette nouvelle, la même délicatesse que j'avais vue chez l'amie de ce fils elandestin aujourd'hui disparu, la seule que j'ai jamais rencontrée. Elle me dit qu'il avait été difficile de me retrouver. En effet, j'avais déménagé sans prévenir. Elle avait les adresses de toutes les mères sauf la miennne. Je restais là à la fixer longuement sans dire un mot. Je promis de me rendre à l'adresse indiquée et déclarai que je voulais que les ossements fussent enterrés. Elle n'avait pas besoin de le dire : il avait fini par mourir.

La jeune fille partit et je me retrouvai là avec les haricots à moitié triés, dans le silence de la maison abandonnée par les autres qui allaient travailler et mes petits-enfants qui étaient à l'école. Une larme, une seule, s'obstinait à couler alors qu'il y aurait dû en avoir au moins deux. De fureur, je jetai le reste des haricots par la porte ouverte de la cuisine. Je ne pouvais pas parler. Le deuil de mon petit dernier est encore très récent. Je ne pouvais pas parler de lui qui comme les autres travaillait et allait danser le week-end avec ses amis du voisinage. Cet enfant n'était en rien différent des autres, c'était un petit haricot semblable à tous les autres. Je n'ai pu expliquer comment, à cause de cela, j'ai tout laissé tomber et j'ai même oublié un peu mon autre fils disparu dont la perte est si lointaine. Je ne pouvais simplement pas comprendre pourquoi j'avais perdu mon dernier enfant, tombé également aux mains de la police. Il y avait bien une différence : tandis que mon fils appartenait à la elandestinité et était l'un des disparus, le plus jeune n'était depuis le début qu'un homme condamné. Le pire est qu'il n'avait pas en lui cette rage sourde qui provoqua la mort de son frère, sa mort ne trouvait aucune justification. Ils ont jeté sa dépouille dans une rigole sale, son corps et celui de ses amis qui venaient juste de sortir de la discothèque.

Est-ce pareil que j'ai continué à avoir des enfants après la disparition de mon fils qu'ils m'ont punie ? Parce que j'ai continué à vivre au même endroit, regardant la guerre dévaster nos vies sans pouvoir rien y faire ? Je continue à me poser les mêmes questions. Puis, moi et ma fille, abandonnée par son mari et vivant dès lors avec moi, avons décidé d'emmener ses enfants et de disparaître rapidement, peut-être à la recherche de cet endroit dont il parlait, mon fils elandestin, disparu, mort, l'endroit où tout serait différent. Mais c'est peut-être dans ma quête de cet espoir qui brûlait en lui que je peux sentir, à travers le deuil de tant de mères dont les enfants ont été tués sans raison, que cet espoir s'éteint.

by Christel Taine

Translated